

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE SETEMBRO DE 1911

N.º 304

Commemorando a independencia do Brasil

Inauguração da capella de Pedro Alvares Cabral na Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Santarem



A guarda de honra á entrada do templo

(Phot. de J. Benoliel)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de setembro de 1911

TRES SECULOS

Pedro Alvares Cabral — Bocage — João Chagas — Paiva Couceiro

TRES seculos encheram os quinze dias decorridos: o seculo XVI, o XVIII e o XX: Pedro Alvares Cabral e Bocage, João Chagas e Paiva Couceiro.

Foram os nomes que andaram de boca em boca, foram a tradição e a actualidade que occuparam todas as attentões, que empolgaram todos os espiritos.

O nome do descobridor do Brasil fê-lo reviver a Sociedade de Geographia, sempre fiel ao seu culto pelo passado, sempre sollicita em desenterrar e trazer para a luz da consagração as glorias nacionaes.

Nos sete palmos de terra de uma capella arruinada estava esquecido ha seculos o grande navegador, aquelle que por ter alargado o planeta offer-tando á civilização um mundo novo, teria, em paiz que não fosse o nosso, estatuas a perpetuar-lhe a memoria e, de ha muito, jazida condigna do epitaphio que n'ella se escrevesse e dos restos mortaes que guardasse.

Foi preciso — vergonha é dizê-lo — que viesse de fóra a iniciativa, que alguém que não fosse portuguez, embora fosse um devotado amigo de Portugal, dêsse o impulso, formulasse o alvitre, obtivesse os primeiros recursos, para se levar a cabo uma obra que devia ser, toda ella, de iniciativa nacional.

Emfim, está feita, tendo-se anteposto a qualquer outra entidade portugueza a benemerita Sociedade de Geographia, que acceitou das mãos de um brasileiro illustre e patriota, o dr. Alberto de Carvalho, o encargo honrosissimo de continuar e concluir a tarefa que elle encetára.

E a Sociedade finalisou com brilho a sua missão patenteando á vista de portuguezes e estrangeiros a gothica capella da Igreja da Graça, de Santarem, restaurada com sciencia de architecto e amor de artista, por esse trabalhador emerito que se chama Rosendo Carvalho, que tem o condão de evolucionar para o passado, chamando á sua primitiva pureza os monumentos arruinados, e outro condão mais raro ainda, o de ser o homem igualmente util e igualmente indispensavel em dois regimens antagonicos.

Em uma cerimonia que teve grandeza na sua simplicidade, o governo, as auctoridades militares e civis, os representantes da imprensa dentro da capella e deante da lapide commemorativa do acto que se celebrava, saudaram a obra realisada da Sociedade de Geographia que por uma fórmula solemne e emocionante entregou ao povo de Santarem e garantiu para a posteridade o lugar de honra em que jazem os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral.

O *Brasil-Portugal* que na solemnidade se fez representar por um dos seus directores, orgulha-se de ter vinculado a ella o seu nome, deixando-o inscripto no Auto da inauguração.

Setubal, a cidade em que Bocage nasceu, está consagrando a esta hora o espirito poetico, agudo, improvisador, sarcasta, do seculo XVIII.

Grande figura, essa, que não deixou descendentes na litteratura, porque ninguem ainda em Portugal excedeu ou igualou o

grande Elmano: no brilho da improvisação, na graça caustica da satyra, na modelar perfeição do verso, na nitidez da fórmula, na subtilidade e na sagacidade do espirito, na opulencia da rima e na profundeza do conceito.

Iconoclasta formidavel, reduzia a pó todos os zoilos e todos os gongoras, n'uma lingua bella, sonora e mascula, punha a nú os arrebiques e pedantices da linguagem arcadica, e no seu culto extremo pela arte nem poupava aquelles que vandalizando-a, o incensavam para captar-lhe a benevolencia.

Pulsa nos seus versos lyricos uma alma nobre, são precioso cadinho de sentimentos delicados muitos dos seus sonetos, todos repassados de uma larga inspiração. E n'aquelles em que impera a Musa bohemica ha no dizer poetico uma arte tão requintada, um humorismo tão jovial, graça tão nativa e exuberante, que não só os seus contemporaneos, mas a Posteridade, deram a Bocage os fóros de primeiro, de modelo, de unico, n'esse genero escabroso de litteratura poetica.

As aventuras, os lances, os infortunios da sua vida errante, que elle tão superiormente descreve n'aquelle formoso soneto que principia assim:

*Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho o teu fado ao meu quando os cotejo*

e nas horas derradeiras da existencia o arrependimento de uma vida desregada, synthetisado n'aquelle eterno soneto em que diz:

*Já Bocage não sou, á cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento,
Eu aos ceus ultrajei, o meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.*

todos os acontecimentos, em summa, ora tragicos, ora comicos, de uma existencia tão cheia, tão accidentada, todos os traços de uma individualidade tão original, elevaram Bocage pelos tempos fóra ás proporções da lenda, que tem o condão singular de envolver só os grandes nomes, as existencias celebres, os vultos excepcionaes.

E' essa extranha, inconfundivel e poderosa figura de poeta, que a sua cidade natal está celebrando n'estes dias com patrio orgulho e pompa condigna.



João Chagas

Actual presidente do conselho e ministro do interior

Chegámos finalmente ao nosso seculo, chegámos ao nosso tempo, chegámos á nossa quinzena. E desculpem-me os admiradores de um que são os adversarios, os apedrejadores do outro, se eu os junto a ambos na mesma linha. E' que eu não tenho culpa de que os dois nomes andassem tão juntos nos mesmos dias, de que as attentões se fixassem com o mesmo vigor em ambos. Quem insulta um estima o outro, e reciprocamente quem estima o primeiro insulta o segundo. E' caso para se repetir uma vez ainda: que os extremos se tocam.

Não houve, com effeito, nos quinze dias passados, nomes em que mais se falasse, individualidades que mais discutidas fossem. Aquelles para quem João Chagas era o vencedor, era Paiva Couceiro o derrotado. Mas nem por isso deixava o derrotado de ser analysado, discutido, commentado como o vencedor. Durante quinze dias só entre estes polos o espirito publico fluctuou. Em uma das mãos trazia João Chagas o ramo de oliveira que annunciava a paz, na outra o clarim retumbante que annunciava a victoria. E para aquelles que ante estes dois symbolos se curvavam e descobriam, Paiva Couceiro era mais uma vez o transfuga, o traidor, o sclerado.

Ao lado d'esta legião que é grande, e cujo quartel general é Lisboa, outra não menor, que se espalha pelo paiz, e cujo quartel general é o norte, viu com outros olhos, sentiu com outro sentir, pensou... o quê? Pensou exactamente o contrario, levantou ás nuvens o transfuga, confiou no traidor, teve esperanças no sclerado. Tantas e tão fundas que viu os paizes da Europa reconhecerem o novo regimen, e não sentiu abalada a sua fé. E quanto maior era o numero de prisões que se iam effectuando, de navios

PENSAMENTOS

A harmonia d'este mundo é uma combinação das contrarias, como as cordas de uma lira.

Plutarco.

O homem justo não é o que não faz mal a ninguém, mas o que podendo fazer mal, reprime a vontade de o fazer.

Pythagoras.

A maior das imposturas é pretender governar os homens quem não tem capacidade para tal.

Xenofonte.

Se alguma coisa dá valor á vida humana é a contemplação da belleza pura.

Platão.

A musica é a essencia da ordem, eleva para tudo que é bom, justo e bello, pois é do bom, do justo e do bello a fórma invisivel, mas deslumbrante, apaixonada, eterna.

Platão.

A alma, assim como o corpo, toma pelo exercicio os habitos que lhe queirâmos impôr.

Socrates.



Santarem — Igreja de Nossa Senhora da Graça

de guerra que se iam rendendo nas aguas do Douro, de regimentos que se reforçavam, de côres negras com que os correspondentes de jornaes pintavam a situação dos conspiradores na fronteira, de telegrammas que n'um dia garantiam a expulsão d'elles para o interior de Hespanha e desmentiam o facto no dia seguinte, quanto maior era o empenho em mostrar-os dizimados, rotos, famintos, dispersos, aniquilados, maior era a confiança, a esperança, a convicção, d'essa legião de crentes.

Para a legião dos outros, dos adversarios, João Chagas era o Messias. Messias exterminador. Messias redemptor. Na sua bandeira de governo elle trazia uma divisa radiante: «Obras e não palavras». Começara a executal-a no parlamento, e vinha-a pondo em acção, por ahi fóra. Inteligente, laconico, decisivo. Tão diplomata, que fizera em 1911 o mesmo prodigio que fizeram os conspiradores em 1640: guardou tres dias um segredo.

Para esses elle realisaria todos os ideaes, sendo este o mais alto: desfazer o que os seus antecessores tinham feito. O organisador supremo da revolução de 5 de outubro fóra elle. A revolução necessaria para equilibrar o desequilibradissimo orçamento do Estado, bem mais difficil e arriscada do que a outra, tambem elle só teria força de organisal-a. Ao mesmo tempo a palavra paz era a que mais lhe sahia dos labios. E como essa revolução do orçamento se não podia realisar sem armas de guerra, elle attingia por esta forma o programma das grandes potencias militares synthetisado n'esta divisa paradoxal: *Si vis pacem para bellum*.

E aqui teem porque estes dois nomes, Chagas e Couceiro, ambos igualmente illustres n'um momento historico já afastado, porque com o mesmo denodo e heroismo combatiam por ideaes, que eram antagonicos, aqui teem como separados por uma distancia maior do que a que vae de fronteira a fronteira, inimigos irreductiveis, são hoje dois symbolos, cada um esperança da sua legião, e ambos elles o alvo de todos os olhares, a preocupação de todos os espiritos, o objectivo de todas as interrogações.

JAYME VICTOR.



Capella da igreja de Nossa Senhora da Graça, em Santarem, onde está o carneiro que contem os ossos de Pedro Alvares Cabral

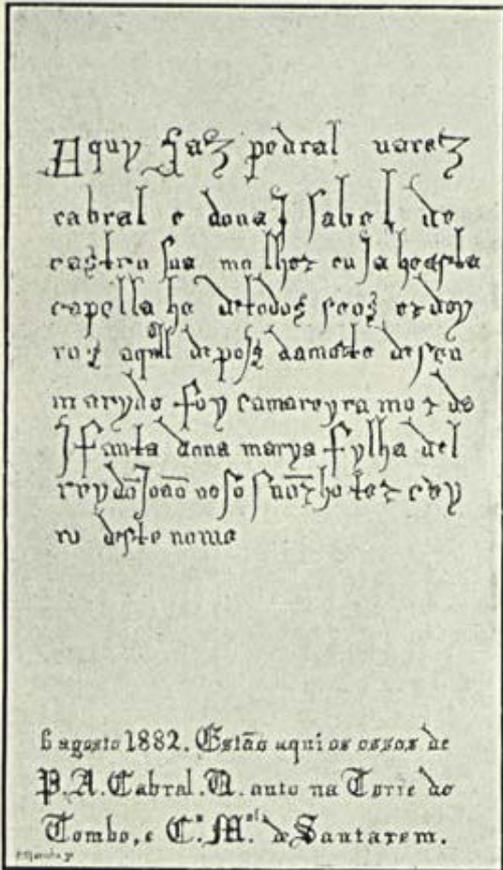
— Sou casado ha quinze annos e tenho sido sempre feliz.
— Mas é porque não se casou com minha sogra!

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

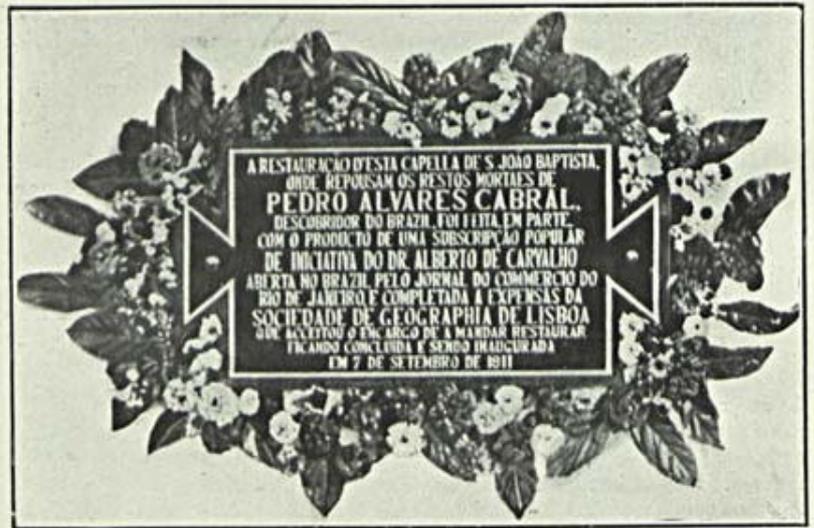
No anno seguinte ao da volta de Vasco da Gama que, completando a aventureosa empreza traçada pelo infante D. Henrique, abriu o caminho marítimo para as mysteriosas regiões orientaes, encarregou D. Manuel a Pedro Alvares Cabral, senhor de

za, a um tempo mercantil e guerreira, iniciada com prodigiosa fortuna pelo primeiro descobridor. Era a frota magnifica e poderosa, e tinha como capitães entre outros, além de Pedro Alvares Cabral, Nicolau Coelho, que fôra na anterior expedição, e Bartholomeu Dias, o primeiro que ousara dobrar o cabo da Boa Esperança, e que no seio das suas tormentas ia encontrar d'esta vez o perpetuo somno da morte.

Preparado tudo para a partida, sahiu a armada de mar em fôra no dia 9 de março e seguiu feliz singradura até ás alturas de Cabo Verde, onde um temporal defeito de tal modo engrossou os mares, que os navios ora eram alçados no dorso das ondas, como se ellas os quizessem expellir de si, ora quasi se afundiam na concavidade do abysmo. Acalmada a procella, juntou-se a frota, á excepção de um navio que depois arribou a Lisboa, e proseguiram os doze restantes pelo oceano, afastando-se calculadamente das costas de Africa, ou para se esquivarem ás calmarias da Guiné, como já o realisara Vasco da Gama, ou porque influisse de algum modo para a escolha do novo rumo o espirito arrojado e



Inscrição da lapide que cobre a sepultura de Pedro Alvares Cabral

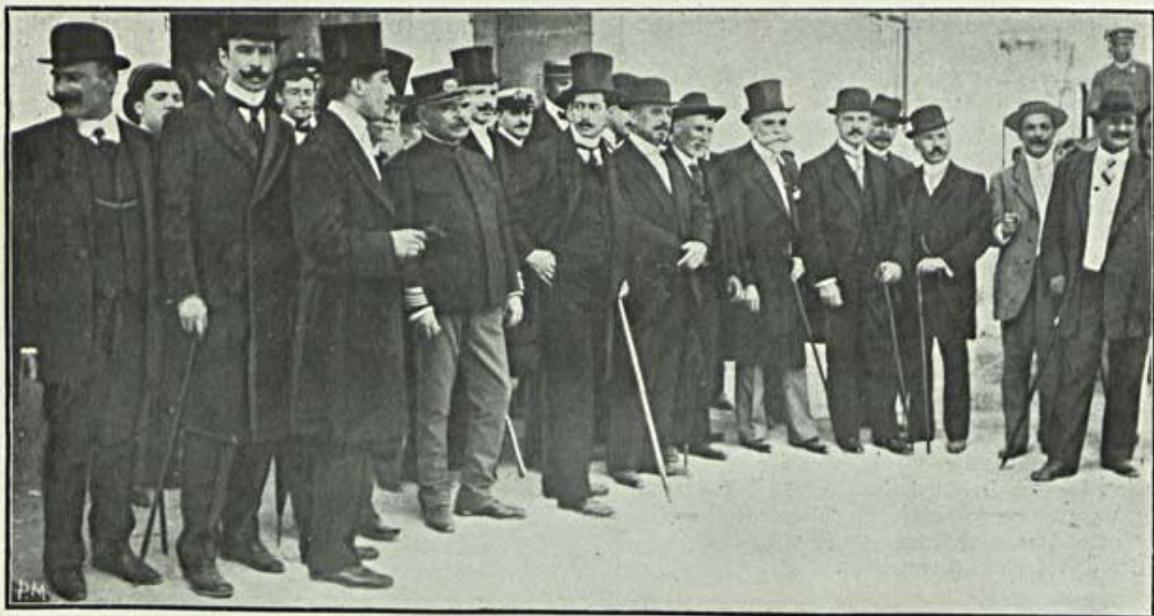


Inscrição inaugurada em 7 do corrente, commemorando a restauração da capella onde repousam os restos mortaes do grande navegador (Phot. de J. Benóiel)

Belmonte e alcaidémor de Azurára, o mando de uma armada de treze velas, que devia na sua derrota correr a costa de Sofala, visitar o rei de Melinde, chegar a Calecut, e proseguir na empre-

perseverante d'esses homens energicos que a tudo se atreviam com o ardor que só deriva do verdadeiro entusiasmo.

As plantas marítimas encontradas no dia 21 de abril, as aves



Inauguração da capella de Pedro Alvares Cabral na Igreja de Nossa Senhora da Graça, em Santarem. Algumas das pessoas que assistiram á cerimonia e entre ellas os srs. ministro da marinha, dr. Bernardino Machado, Ernesto de Vasconcellos, encarregado dos negocios do Brasil, Almeida d'Eça, coronel Mattos Cordeiro e Jayme Victor, director do «Brasil-Portugal» (Phot. de A. C. Lima)

redemoinhando nos ares ou pousando sobre as aguas, um aroma balsamico impregnando o ambiente, annunciaram aos navegantes a proximidade de regiões desconhecidas, e por isso na manhã seguinte apinhavam-se todos nos chapiteus da prôa, fixa a vista no extremo dos mares, onde já se distinguia como que um ponto escuro que gradualmente ia crescendo. Afinal a voz do gaigeiro da nau capitanea bradou no cesto da gavea — terra! — e durante minutos só esse grito de entranhavel jubilo resoou em todos os navios. A ligeira nevoa avultara no horisonte, a frota surdia sempre ávante, e por fim já distinctamente se observava um monte de forma arredondada, longas serranias para o sul, e ao longe uma extensa planicie, coberta de bastissimos arvoredos. Aproximaram então as naus á terra, que pela ignorancia d'aquellas eras julgaram os pilotos que só podia ser uma grande ilha, como alguma dos Açores ou das Antilhas; ancoraram perto da costa, e na manhã seguinte sulcavam as aguas em direcção á praia.

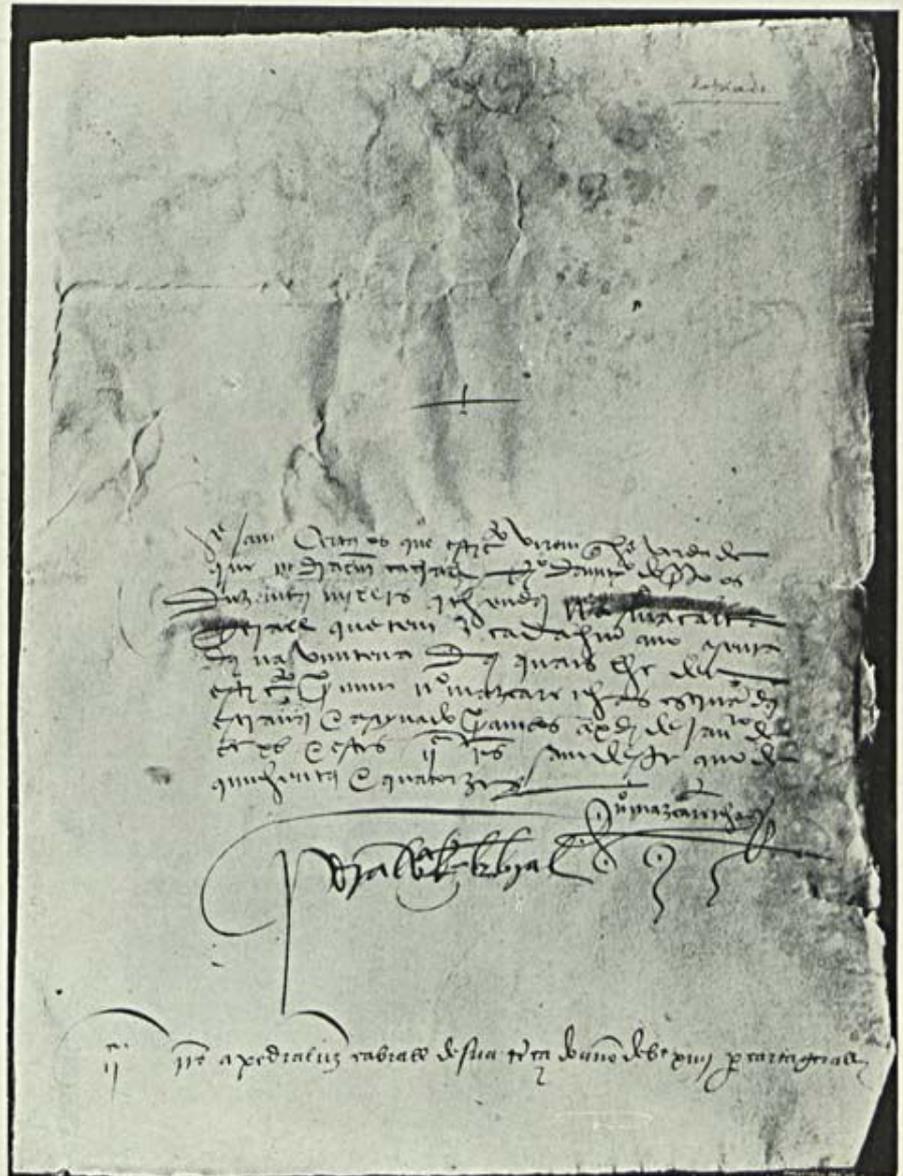
Grupos de homens, de mulheres e de creanças appareciam por entre as arvores, e ora se adiantavam a medo, ora se retrahiam, testemunhando nos gestos o espanto que lhes produziam os alterosos galeões, as velas, as vergas, os mastros, coisas como que animadas e quasi sobrenaturaes, que pareciam obedecer ao impulso de uma vontade unica. Não tinha essa gente os caracteres physicos das raças africanas ou europeas, e apenas se assemelhava com as da India na côr baça e no cabelo comprido e corredio. Os corpos eram altos e robustos, as feições regulares, a physionomia franca e benevola; e apesar das armas que traziam mostravam-se de indole pacifica, ditosos com os seus costumes singellos, e satisfeitos com o que o solo espontaneamente lhes offercia.

Não podendo desembarcar ahi, porque o mar quebrava então muito na costa, seguiram os portuguezes na volta do norte, buscando á feição do vento algum porto seguro onde surgissem; e de feito, tendo navegado cerca de dez legoas, encontraram no dia 24 de abril uma enseada, onde logo entraram os navios menores, ficando ao principio as naus fóra dos recifes, por não se conhecer se havia dentro sufficiente fundo. Entretanto alguns marinheiros aproximaram-se em bateis á praia, e conseguiram tomar de sobresalto dois indigenas, que não tentaram resistir apesar de trazer um d'elles arco e frechas e de poderem ser facilmente soccorridos. Levados á presença de Pedro Alvares Cabral, procurou este de alguma fórma interrogal-os, deu-lhes o que indicavam desejar, enviou-os no dia seguinte para terra a fim de evitar suspeitas ou receios, e estabeleceu assim as primeiras relações com os habitantes d'essa parte do novo mundo, que o munificente acaso nos sujeitava, como o acaso entregára a Colombo as costas occidentaes da America.

Não tentarei descrever as varias scenas de curiosidade e de innocencia por parte dos indigenas, de contentamento, de enthusiasmo e de nobreza por parte dos descobridores, que tiveram como theatro aquellas praias emquanto ahi se demorou a armada. O quadro que apresentasse seria apenas um esboço a largos traços, que mal conseguiria trasladar a narração synchrona de Pero Vaz de Caminha, onde miudamente se representam os factos e circumstancias, e como que resurgem os proprios protogonistas. Cingir-me-hei, pois, a dizer que, tendo o capitão mandado reconhecer

o paiz, e sabendo que era fertil, retalhado de rios caudaes, e povoado por gentio docil, com o qual se mostrava facil a entrada, resolveu tomar magestosamente posse d'essa região, oceano de soberbas e virginaes florestas, em que parecia reproduzir-se o

(1) Quitação com a assignatura autographa de Pedro Alvares Cabral



«Fac-simile» do conhecimento de quitação de 200\$000 reaes de tença, pagos a Pedro Alvares Cabral, com a assignatura autographa do descobridor do Brasil, datado de 10 de janeiro de 1514

(1) Sejam certos os que este conhecimento virem que he verdade que pedralvares cabral recebeu de Antonio do porto os duzentos mil reaes contidos na sua carta geral que tem em cada hã ano asentados na vintena dos quaes lhe deu este conhecimento por mim nuno mazcarenhas escrivão dos escravos assignado por ambos a x de janeiro de 1514 e estes 15 reaes sam deste anno de quinhentos e quatorze.

PEDRALVARES CABRAL

NUNO MAZCARENHAS

15 reaes a pedralvares cabral de sua tença do anno de 1514 por carta geral.

Fiquem certos os que este conhecimento virem que e verdade que Pedro Alvares Cabral recebeu de Antonio do Porto os duzentos mil reaes contidos na sua carta geral que tem assente em cada anno na vintena dos quaes lhe deu este conhecimento escripto por mim Nuno Mazcarenhas, escrivão dos escravos e assignado por ambos, em 10 de Janeiro de 1514 sendo 200\$000 reaes d'este anno de quinhentos e quatorze (1514).

PEDRO ALVARES CABRAL

NUNO MAZCARENHAS

200\$000 reaes a Pedro Alvares Cabral pela sua tença do anno de 1514 (1514), por carta geral.

eden dos livros santos. Designado para o solemne acto o primeiro dia de maio, assistiram á missa em terra os mareantes, engalanados de telas primorosas e de luzidas armas; e debaixo d'aquelle céo puro, n'aquella atmosphaera embalsamada, perante aquelles horisontes esplendidos, um profundo sentimento de confiança em Deus

A frota de Pedro Alvares Cabral



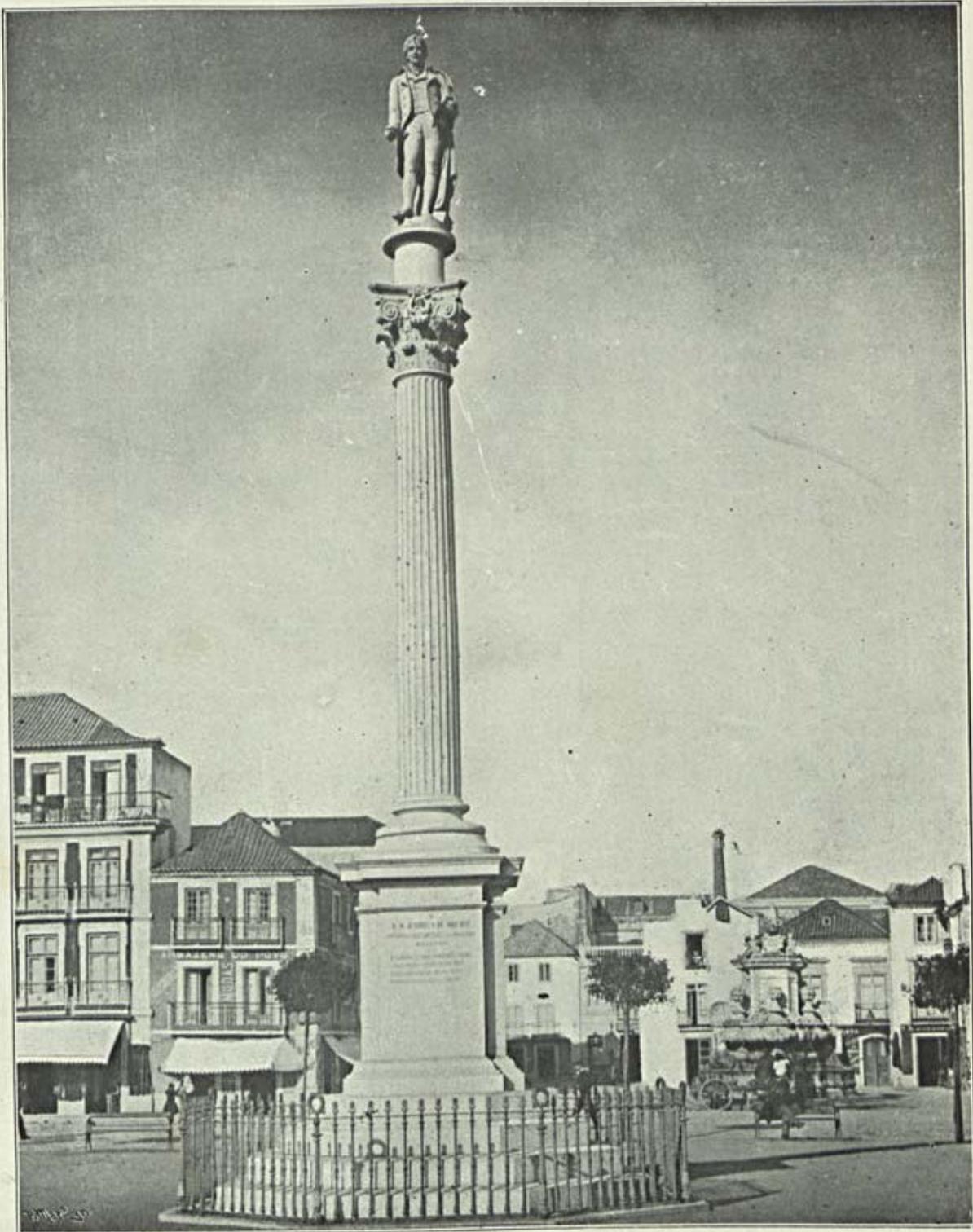
Gravura extrahida do «Livro das Naus», existente na Academia Real das Sciencias

devia animar esses homens ajoelhados em frente do mesmo altar, esquecidos dos perigos e fadigas, e enlaçados pelas recordações, pelas crenças, pelos trabalhos, e ainda pela ambição de gloria que mais ou menos se erguia em todas aquellas almas de bronze.

Em seguida, no meio do resoar das charamelas e dos tambor-

partindo elle proprio d'aquellas praias no dia 3 de maio, e deixando em terra dois degregados, vivo testemunho de posse incontestada. A fortuna, porém, que até então lhe fôra propicia, depressa o desamparou. Assaltada a frota por formidavel tormenta proximo ao Cabo da Boa Esperança, abysmaram-se no oceano,

Festas bocageanas na cidade de Setubal



Setubal — Monumento do poeta Bocage erigido em 21 de dezembro de 1871, na praça que tem o seu nome

res, das aclamações da marinhagem e dos gritos festivos dos indigenas, levantou-se perto da praia uma grande cruz, feita com madeira d'aquellas selvas, padrão glorioso da nobre empreza, que nenhum acto de crueldade deshonrara.

Não quiz Pedro Alvares Cabral demorar noticia tão extraordinaria, e expediu Gaspar de Lemos para a transmittir a el-rei,

com a gente que levavam, quatro dos onze navios que se dirigiam á India.

Passados mezes Gaspar de Lemos transpõe de novo a foz do Tejo, e vem annunciar a Lisboa, ao reino, ao mundo, o novo descobrimento. A febre do entusiasmo exaltou então todos os animos, dando-lhes a energia, a confiança, o jubilo que até essa conjun-

ctura faltára a muitos. O pendão de Christo, que tremulava na Europa e na Africa, nas ilhas do Atlantico e nos mares da India, ia alongar-se pelo occidente, e Portugal podia ufanar-se de ter tomado o primeiro logar entre as nações.

Durante muito tempo, todavia, pouco se cuidou da nova possessão, e D. Manuel, deslumbrado pelo magico esplendor do sum-



Setúbal — A casa onde nasceu Bocage, na rua de S. Domingos, 10, 1.º

ptuoso Oriente, não se lembrou de a mandar explorar como convinha, nem accrescentou aos titulos do seu dictado um que significasse o senhorio n'aquella immensa região. O ouro e as pedras preciosas, as especiarias, os perfumes, os estofos, o sandalo, o marfim das conquistas hindustanicas captivavam exclusivamente as vontades; a vassallagem de muitas nações florescentes, as pareas de monarchas dos ultimos confins da terra ensoberbeciam a afortunada metropole; a desmedida amplidão de um terreno inculto, e ou êrmo ou povoado de selvagens, pouco attrahia a ambição dos que viam a seus pés os povos, desde as cidades de Africa fronteiras até o seio persico e o mar da China. Só com o rodar dos annos se conheceu a importancia do vasto continente que a ventura nos offerecera. Errado foi o systema de colonisação, funestos os resultados que d'elle derivaram, mas a riqueza do solo e a bondade do clima resistiram á inaptidão dos homens e á barbaria das leis, e a terra de Santa Cruz tornou-se dentro de um seculo o fito da cubica e inveja das nações maritimas e commerciantes.

Hoje o Brasil comprehende no seu amplissimo continente uma aggregação de estados energicos, poderosos e livres. Emancipado da metropole, não só por acontecimentos em parte calculados e predispostos e em parte imprevisitos, mas ainda pela logica natural do progresso das sociedades, está predestinado pela sua posição geographica, pela excellencia do clima, pelas riquezas que possui, pelo denodo e esplendor das suas armas e pelo patriotismo dos seus habitantes, a tomar e exercer grande missão civilisadora na historia do novo mundo. Possa o povo infante, filho e em tudo descendente de uma nação pequena mas heroica, viver e prosperar por muitos seculos, dando exemplos de sabedoria e de humanidade á pobre, á velha Europa, e conservando com gloria o primado e supremacia que nobremente alcançou nas vastas regiões da America meridional.

SILVEIRA DA MOTTA.

Não se pôde julgar um homem pelo seu vestuario, mas pôde-se julgar-o pelo vestuario de sua mulher.

Manoel Maria de Barbosa du Bocage

Notas biographicas

BOCAGE, nasceu em Setubal, no dia 15 de setembro de 1765. Em 1780 assentou praça de cadete no regimento de infantaria 7, que teve quartel n'aquella cidade desde 1702 até á queda do governo absoluto. Em 1782 passou á Academia Real de Marinha, onde se conservou estudando o curso respectivo até 1786.

Em 31 de janeiro d'este anno foi nomeado guarda-marinha para o estado da India, posto em que seguiu para Góa. Em 6 de abril de 1789 recebeu a promoção a tenente de infantaria para Damão. N'esse mesmo anno despiu a farda e desertou para Macau. Voltou a Portugal em agosto de 1790, tendo então 25 annos incompletos.

Trabalhou algum tempo em traducções de varias linguas, por conta do naturalista brasileiro, Padre Velloso, que o remunerava a 24.000 réis em cada mez.

1790 — Fundação da *Nova Arcadia* ou *Academia de Bellas-Letras*, em que Bocage foi agremiado pelos fundadores.

O 1.º volume das suas *Rimas*, appareceu a publico em 1791, saudado por uma Ode de Filinto Elyseo.

1793 — Bocage rompe o tiroteio de satyras e epigrammas contra os collegas arcades que pouquissimo valiam mas que o abocanhavam. Um bello dia atira ao monte:

*Preside o neto da rainha Ginja
A' corja vil, aduladora, insana...*

Capturado em 1797, a bordo da corveta *Aviso*, quando este navio estava para sair com destino á Bahia, foi encarcerado no Limoeiro, onde esteve, no segredo, durante 22 dias. Era accusado de ser «auctor de papeis impios, sediciosos e criticos, espalhados por



Setúbal — Quarto onde Bocage nasceu no 1.º andar da rua de S. Domingos, n.º 10

esta côrte e reino, desordenado nos costumes, desconhecer as obrigações da religião que TEM A FORTUNA DE PROFESSAR, e não satisfazer os preceitos da Eucharistia».

Em 7 de novembro de 1797 foi enviado para o Santo Tribunal da Inquisição, onde o conservaram durante outros tres mezes e dez dias, para expiar a falta de religião.

Terminada a expiação foi reenviado ao Intendente, acompanhado de uma ordem para ser recolhido no mosteiro de S. Bento, afim de ser doutrinado. Assim se fez em 17 de fevereiro de 1798.



Lisboa — O 3.º andar da travessa de André Valente, n.º 25; onde falleceu o poeta Bocage. É o 3.º andar da casa da direita

Em 22 de março d'este anno foi transferida a reclusão para o hospício das Necessidades (dos padres de S. Filippe de Nery) pelo motivo da brandura com que o tratavam os beneditinos.

Em 1801 abriu lucta contra José Agostinho de Macedo, a quem tinha poupado até então. Reconciliaram-se quando Bocage conheceu que a morte se approximava.

Bocage expirou no dia 21 de dezembro de 1805, no 3.º andar da casa n.º 11 (hoje 25) da travessa de André Valente, contando quarenta annos, tres mezes e seis dias de idade, victima do aneurisma a que já alludia no seguinte soneto:

Nestóreos dias, que sonhava Elmano,
Brilhantes de almos góstos, d'aurea sorte,
Pomposa phantasia, audaz transporte,
As azas cerceai do orgulho insano:

Plano de um nume contradiz meu plano,
E quer que se esvaeça e quer que aborte;
Eis, eis palpita, precursor da morte,
No tumido aneurisma o desengano:

Adeus, oh genios que Ulysséa admira!
Cantor, que honrastes, honrareis cantores,
Versos, pranto lhe dai, que Elmano expira!

Deixai-lhe a cinza em paz, fataes Amores;
E vós do extincto vate a campa, e lyra,
Virtudes, que exaltou, cobri de flôres!

Bocage foi sepultado no cemiterio da igreja das Mercês. Com a extinção dos cemiterios religiosos os seus ossos lá foram na trasladação baralhados com outros.

Vôa a Lilia gentil meu pensamento
Nas azas de esperanças sequiosas;
Amor á frente de illusões ditosas,
O chama, e lhe accelera o movimento.

Ignéo desejo audaz que em mim sustento,
Mancha o puro candor das mãos mimosas,
Os olhos côr dos céos, a tez de rosas,
E o mais, onde a ventura é um momento.

Eis que pesada voz, terrível grito
Sôa em minha alma, o coração me opprime,
E austero me recorda a lei e o rito.



Bocage no leito de morte
(Copia de uma gravura existente na Bibliotheca Publica de Lisboa)

Devo abafar-te, amor, paixão sublime?
Ah! se amar como eu amo é um delicto,
Lilia formosa aformoseja o crime. (1)

BOCAGE.



Mel. M. de Barbosa
du Bocage

(1) O original d'este soneto existe na bibliotheca da Ajuda e viu a luz pela primeira vez em 1896, n'um opusculo publicado por Henrique Zeferino. Junto a elle existe o original da censura do allemão Muller, da «Real meça» da Comissão geral sobre exame e leitura dos livros.

Filiação de Manuel Maria de Barbosa du Bocage

Bocage — nasceu em 3 de outubro de 1762, e morreu em 13 de maio de 1834;

Os AVÓS MATERNS de Bocage foram:

Gillet lledois du Bocage, vice-almirante, e D. Clara Francisca Lustoff, filha de Leonardo Lustoff, consul da Hollanda, em 1720.

AVÓS PATERNS:

Luiz Soares Barbosa, que nasceu em 26 de agosto de 1686, em Lisboa, e casou, em 23 de junho de 1711, com D. Eugenia Maria Ignacia: esta senhora nasceu em 11 de novembro de 1693. Tiveram oito filhos.

SEU PAI:

Raphael José Luiz Soares de Barbosa, que nasceu em 1728 e casou, em Setubal, em 6 de junho de 1758, com

SUA MÃE:

D. Marianna Joaquina Caetana Xavier Lustoff du Bocage; morreu em 1775.

ORDEM DE FILIAÇÃO

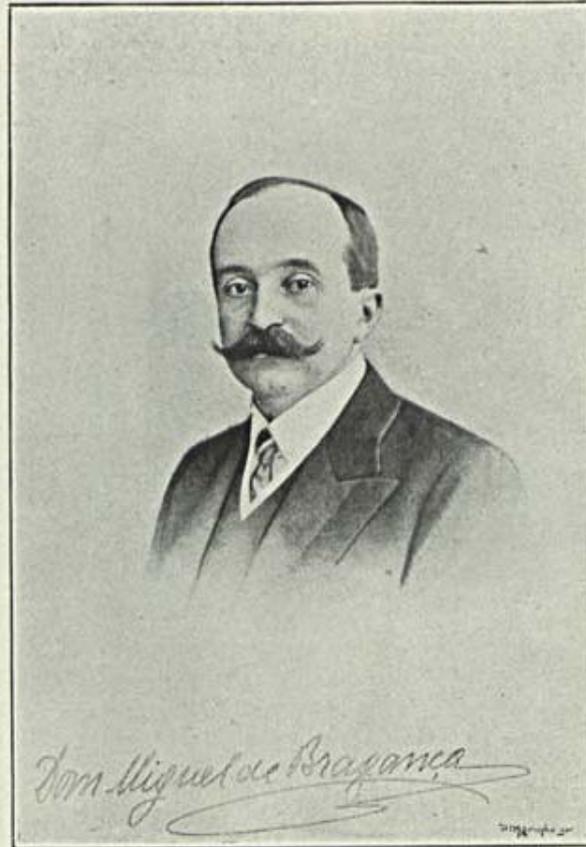
- 1.º filho: D. Maria Agostinha — nasceu em 14 de julho de 1759;
 2.º D. Anna das Mercês — nasceu em 23 de setembro de 1760;
 3.º Gil Francisco Xavier du

4.º MANUEL MARIA — nasceu em 15 de setembro de 1765, pelas 3 horas da tarde; foi baptizado em 29, sendo seu padrinho Heitor Mendes Botelho de Moraes Sarmiento, e madrinha sua tia materna Soror Luiza Mathilde; morreu em 21 de dezembro de 1805, pelas 10 horas e um quarto da noite;

5.º Maria Eugenia — morreu na infancia;

6.º D. Maria Francisca — morreu em 18 de maio de 1841.

Esta senhora, irmã mais nova de Bocage, morreu solteira e foi a companheira do poeta, assistindo ao seu fallecimento na casa da travessa de André Valente (Lisboa), n.º 11 (hoje n.º 25), 3.º andar, e de que publicamos uma gravura.



D. Miguel de Bragança

Nasceu a 19 de Setembro de 1853

Supplica

(Ao desembargador
Cardoso da Costa, amigo do Bocage)

... «Elmano hoje indifferente a
 Amor, e às Musas,
 Triste no coração, nos olhos triste,
 Evaporado em ais, desfeito em
 pranto,
 Ludíbrio da Fortuna, a ti recorre.. »

BOCAGE.



D. Miguel

Nasceu a 22 de Setembro de 1878



D. Francisco José

Nasceu a 7 de Setembro de 1879

A proposito dos seus anniversarios natalicios publicamos n'esta pagina os retratos de D. Miguel de Bragança e de seus filhos os principes D. Miguel e D. Francisco José. O mez de Setembro é, como se vê, um mez de festa nos arraiaes do velho partido legitimista.

Não é desconhecida nem mal apreciada a personalidade de D. Miguel de Bragança, mesmo entre aquelles que não seguem as idéas politicas que elle symbolisa. O seu nome, que n'este momento politico adquiriu yoga excepcional, de sobejo explica a publicação dos tres retratos n'esta pagina.

A proposito da conspiração monarchica

Os sellos miguelistas



Legenda: D. Afonso em Ourique

Uma das notas mais interessantes que a imprensa diaria tem publicado acerca da conspiração monarchica, consiste sem duvida na divulgação dos sellos miguelistas que, segundo refere a mesma imprensa,



Legenda: Evora entregue a D. Afonso Henriques

sa, os legitimistas emigrados, tendo a frente D. João de Almeida, mandaram cunhar como meio de propaganda em favor de D. Miguel de Bragança.

Esses sellos, de que apresentamos aos leitores tres exemplares,



Legenda: D. Sancho em Silves

são de diferentes côres, tendo todos a legenda Deus, Patria e Rei, as armas reaes portuguezas e os retratos do fallecido rei D. Miguel e de seu filho primogenito. O fundo é que varia, apresentando em cada um d'elles um facto historico diverso.

Resposta do desembargador:

«Se os vates por acaso fossem Cressos,
Se a par do genio seu luzisse o ouro,
Quem fitar poderia os olhos n'elles,
Sem que os raios da luz, que derramassem
Ao mesmo tempo o genio, e mais o ouro
A vista lhe roubassem? — Charo Elmano,
Os seus dons repartiu a Natureza:
Coube-te em sorte o genio, que eterna
Illustres nomes de Camões, de Horacio,
E que ha de eternisar tambem teu nome.
Deixa que os outros as riquezas gosem,
Elmano sem riqueza é mais do que elles;
Nem as irmans de Phebo invejam Cressos.
Sempre ha de haver quem se honre, quando livra
Da penuria a um vate como Elmano:
E' Vincenio d'esta honra cubiçoso,
Elle é quem agradece, — elle é quem ganha!» (1)

N'este horrivel sepulchro da existencia
O triste coração de dôr se parte;
A mesquinha razão se vê sem arte,
Com que dóme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, pela violencia
Que em todos os sentidos se reparte.
Transitorio poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente,
Na mais ampla expressão acha estreiteza,
Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza
Não ver terra, nem céu, nem mar, nem gente,
Ser vivo, e não gosar da natureza?

BOCAGE.

Liberdade

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! venha... Oh! venha, e tremulo descaia
Despotismo feroz que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade!

BOCAGE.

Uma senhora perguntava a um cavalheiro galanteador porque trazia sempre consigo dois relógios.

— Um adianta-se e outro atraz-se. Consulto o primeiro para vêr a v. ex.^a, e o segundo para me retirar de junto de v. ex.^a

O pequeno Armindo estuda historia.
— Papá, diz elle, eu preferia ter vivido na idade média,
— Para quê, meu filho?
— Para não ter que estudar a historia moderna.

(1) (Versos publicados pela primeira vez em 1853, por Innocencio da Silva.)

A mythologia japoneza

Os seus deuses. — S. Francisco Xavier no Japão. — As setas. — Tolerancia d'um imperador. — Um vago dominio portuguez. — O Deus da guerra.

Os deuses mythologicos do Japão teem grande semelhança com os deuses olympicos venerados outr'ora na Europa e que ficaram como symbolos de diferentes acções, representados com os

de candeiros enormes que fazem o ruido e geram a faisca terrivel e por vezes assassina.

Veiu tambem o culto de Marisiten que eguala o Marte do paganismo, como Riden é egual a Jupiter Tonante.

Marisiten é o deus da guerra e sobre um animal espantoso, de pé, dispara arcos, envia setas, vae nos ares a lançar a destruição por toda a parte. E assim os cultos se foram formando para cada acto da existencia, para cada nova descoberta do homem no campo da sua civilização.

Um easamento elegante



D. Herminia de Barros Dias Ferreira



João Perfeito de Magalhães Villas Boas

Realisa-se ainda n'esta semana o enlace de duas das mais sympathicas figuras da sociedade elegante de Lisboa.

A sr.^a D. Herminia de Barros Dias Ferreira, é a gentilissima noiva que allia á mais esmerada educação uma bondade e uma distincção que a tornam querida de todos que teem a honra das suas relações.

O noivo, um moço intelligente e empreendedor, é o sr. João Perfeito Magalhães Villas Boas, filho do distincto engenheiro Francisco Perfeito de Magalhães, rapaz muito conhecido na nossa sociedade pelo seu bello caracter e pelas raras dotes intellectuaes com que está gerindo a importante casa commercial que ha pouco fundou.

São dignos um do outro e merecedores ambos de todas as felicidades.

attributos das suas funcções e com a tradição d'uma vida toda de encantos e de bondades, á sombra dos bosques sacros e vetustos, junto ao mar azul e sem uma prega d'essa Helienia, patria de heroes e de semi-deuses.

O Japão com o culto do Budha adoptou alguns idolos intermediarios, que são os equivalentes dos deuses do paganismo e patrocinam as artes e as industrias, a guerra e o commercio, a belleza e a bondade.

A suprema divindade do Japão é Amida, que tem nove incarnações, as quaes representam outros tantos estados de graça e de perfeição.

No emtanto algumas das divindades da sua mythologia eram já populares no Japão antes do budhismo, nasceram por essa necessidade que existe no coração dos rudes em subjectivarem os phenomenos e as acções, ás vezes as mais simples, á potente vontade d'um Ser superior cuja imagem nasce nas imaginações e toma depois vulto, ao ser reproduzida para a adoração nos altares.

E' assim que nos paizes mais rudes e mais selvagens, como os do interior d'África, os idolos apparecem e são venerados e se lhes fazem sacrificios de rezes e mesmo d'individuos a fim de elles praticarem um milagre ou de applicarem as suas iras.

Ao ouvirem o vento sibilar com força, derrubar as arvores e abanar as casas, levantar nuvens de poeira e fazer os tufões, os japonezes crearam a divindade dos ventos, que representam por um monstro a pairar nos espaços com o seu enorme sacco cheio de tempestades, enfunado, prompto a despedir o vendaval sobre o mundo.

E creou-se assim o culto de Fkten, o deus do Vento Depois vendo o raio fuzilando, vindo do alto em zig-zags de lume a assombrar e a fazer victimas, crearam a divindade do raio a que chamam Raïden e que é tambem o deus dos trovões, ligando assim instinctivamente os dois phenomenos. E Raïden, especie de harpia, encoberta n'um ceu negro, anda pelos espaços com o seu arco



Thomaz de Eça Leal

Nos tempos de prosa que vão correndo, cada vez mais asperos e inclementes, não ha para o espirito maior audacia do que esta: fazer versos. Audacia santa, não ha duvida, porque ella resume todo um mundo de abstracção mental, de culto artistico, e de bondade ingenita.

E quem leia com amor e fixe com attenção os Sonetos de Thomaz de Eça Leal, agora publicados n'um elegante volume da casa editora Cunha e Sá, facilmente ha-de constatar a verdade que enunciámos.

Reconhecer superioridade moral ao auctor de uma obra de arte não é empresa facil.

Pois a leitura d'estes versos que primam pela correcção metrica, pela delicadeza do sentimento, e pela qualidade dos assumptos, revela ao mesmo tempo, um espirito e um coração: o artista e o homem.

E' esta a impressão que os Sonetos nos deixaram e que consignámos n'estas palavras cheias de justiça e de sinceridade.

O patrono da equitação é um deus de especial culto para essa raça de cavalleiros e de guerreiros, que encheram de braços e de armas o idolo da cavallaria e o ataviaram de joias, pondo-lhe uma ave em cada mão como symbolo de ligeireza.

E assim tem um deus para as tempestades chamado Tats-maki, um deus para as armas que mostra doze braços, e um supremo juiz dos infernos, especie de Plutão vestido de brocado, que julga os que entram nos seus dominios.

E' carrancudo e fero e tem dois ajudantes e dois carrascos,

NOTAS DE «SPORT»

Passelo ao canal d'Azambuja realisado pelo Club Naval



Um grupo de socios e de senhoras que tomaram parte no passeio

ministra a justiça e exerce-a com todo o rigor sobre aquelles que são expulsos dos céus onde habita Arnida, a gloriosa rainha, que tem guardas tão impetuosos e carrancudos como os dos abysmos insondaveis onde vive o supremo juiz dos infernos.

Sennins são os apóstolos de Budha, os grandes martyres da religião, e o Kirin é como os lobishomens entre os povos europeus.

As seitas são numerosas no Japão, mas sem haver por ellas o grande fervor que tantos males teem causado na Europa. E' um paiz quasi sem guerras religiosas desde 1586 em que Fidé-Yosi suffocou um tumulto monastico de certa importancia.

Quarenta annos antes alguns portuguezes foram levados por uma tempestade até ao Japão e ali acolhidos pelo principe de Boango, o qual lhes forneceu os meios de se dirigirem a Gôa.

Quando os portuguezes partiram recolheram a bordo um fidalgo japonês chamado Hansiro, que commettera um homicidio, e S. Francisco Xavier ao enconral-o em Gôa começou a fazer a sua educação religiosa.

Em 1559 o santo e o seu discipulo foram fundar uma missão em Kiusion.

Começaram então as conversões ao christianismo e os altos dignitarios do budhismo dirigiram-se ao mikado pedindo uma grande medida para acabar com semelhante propaganda.

O mikado recebeu-os e perguntou-lhes:

— Quantas seitas ha nos meus estados?!

— Trinta e cinco, meu senhor — volveram elles.

— Bem... Ficamos com trinta e seis.

E mostrou assim em 1550 um espirito de tolerancia que os seus successores não quizeram ter.

Os descendentes do Fidé-Yosi viram que os portuguezes não espalhavam sómente a religião entre as baixas camadas mas que traziam para a sua causa os grandes potentados do imperio e que procuravam exercer um dominio.

Veiu-lhes a reflexão, o terror, e quizeram desde logo destruir o partido que tomava um grande incremento na córte do mikado.

Puzeram as mãos á obra, levando a cabo a extinção da seita, chegando a applicar-se a pena capital a todos aquelles que seguis-

sem a religião levada ao imperio japonês pelo sabio jesuita S. Francisco Xavier.

E assim acabou a preponderancia portugueza, que ainda assim teve o seu tempo aureo n'esse imperio que hoje assombra o mundo e onde muitos dos mais celebres e illustres politicos e generaes se honram de descender dos portuguezes que lá viveram.

Livres de preconceitos religiosos e guardando na sua tradição estes idolos que muito se parecem com os que os europeus tem ainda como symbolos, mostram bem o seu trabalho imaginativo, uma obra de sonho.

Parece que Marisiten é bem o deus da guerra e que tem protegido as armas japonezas, montando o seu phantastico animal e despedindo as settas dos arcos á frente dos exercitos, abrindo brechas nas forças inimigas.

NO INVERNO

Diz a rosa:

— Pesa sobre a minh'alma o luto da saudade. Aves desertam d'este valle frondoso e insectos partem n'um bando seguindo a primavera. Como é triste o inverno, como é nostalgico e triste!

E a ave repete:

— Pesa sobre mim a neve da tristeza; rosas não brilham mais nas noites orvalhadas e insectos que outr'ora zumbiam aqui e alli partem seguindo a luz. Como é saudoso este inverno, como é saudoso e pesado!

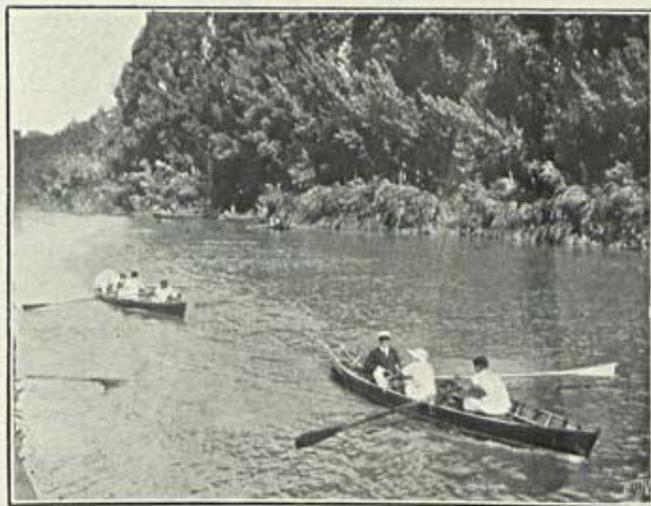
E o insecto diz:

— Pesa sobre a natureza toda a neve da saudade, o luto da tristeza; aves não cantam mais, nem rosas vejo que brilhem como outr'ora, na primavera!

O céu chora copiosas lagrimas de neve que esfriam as azas e maculam as petalas dos lyrios. O bosque é silencioso! A luz espia a medo pelas frinchas das arvores, sem folhas quasi, e no chão, outr'ora verde, de um verde de esmeralda, não passam larvas nem pousam borboletas. Como é nostalgico o inverno, como nos punge e magoa tanto este inverno pesado e triste!

Um rio que passava perto, ouvindo estas ultimas canções da natureza, pôz-se a repetil-as, magoado, nas suas aguas revoltas.

— Outr'ora a primavera vinha banhar-se no meu seio e as minhas aguas abriam-se para recebê-la e beijal-a como um amante beija o seu amor... Aves brancas, espalhando-se no meu crystal



NOTAS DE «SPORT» — Passelo ao canal d'Azambuja realisado pelo Club Naval — Uma corrida de remos

luminoso, passavam, tocando a minha superficie calma com a ponta das azas finas.

A musica dos insectos e o lyrismo suave dos ninhos alegravam-me, e estas arvores, que me ensombram e affagam, eram como fructeiras enormes cobertas de pomos rubros, eram como gaiolas de ouro repletas de passaros estranhos.

Hoje tenho a silente e dorida quietação da morte. As minhas

aguas não correm, crystalisam-se como lagrimas no meu seio e a luz que se reflecte em mim não brilha como antigamente. Inverno, luto d'alma! luto da natureza, eu te maldigo.

E, no entanto, na choupana alegre de um casal de zagaes coisa diferente se ouvia. Falava o zagal:

— Mais precioso que os meus rebanhos são os teus olhos negros, pastora... Os teus risos são ovelhas brancas, mais brancas do que as minhas ovelhas. Sinto o balido d'alguma que se perdeu no campo, vêem-me á recordação os dias em que te via de longe pastoreando o teu gado, mas sem poder tocar-te de leve ao menos com a ponta dos meus dedos. O verão brilhava em todo o seu esplendor. E tu me disseste: Enquanto não chegar o inverno, que é o tempo em que as ovelhas ficam no redil e os zagaes não sahem das choupanas, enquanto não chegar o frio inverno, pesado e silente, guardarei sempre na minh'alma o beijo que tenho para dar-te.

Pede ao inverno que volte e á primavera que parta, ás rosas que se esfolhem, e ás aves que não cantem!...

E o inverno chegou afinal; as ovelhas balam nos redis e em-

Furioso, Cromwell pediu-lhe explicações d'aquella conducta. Com grande presença de espirito disse o pobre louco:

— Alteza, que isso não vos desagrade, mas eu tenho um grande amor pela criada de quarto de vossa filha. Desgraçadamente, ella recusa-me a sua mão. Assim, sabendo que vossa filha tem uma grande influencia sobre ella, vim pedir-lhe que intercedesse por mim.

— Oh! — retorquiu Cromwell, — o caso é esse?

E chamando a criada, disse para esta:

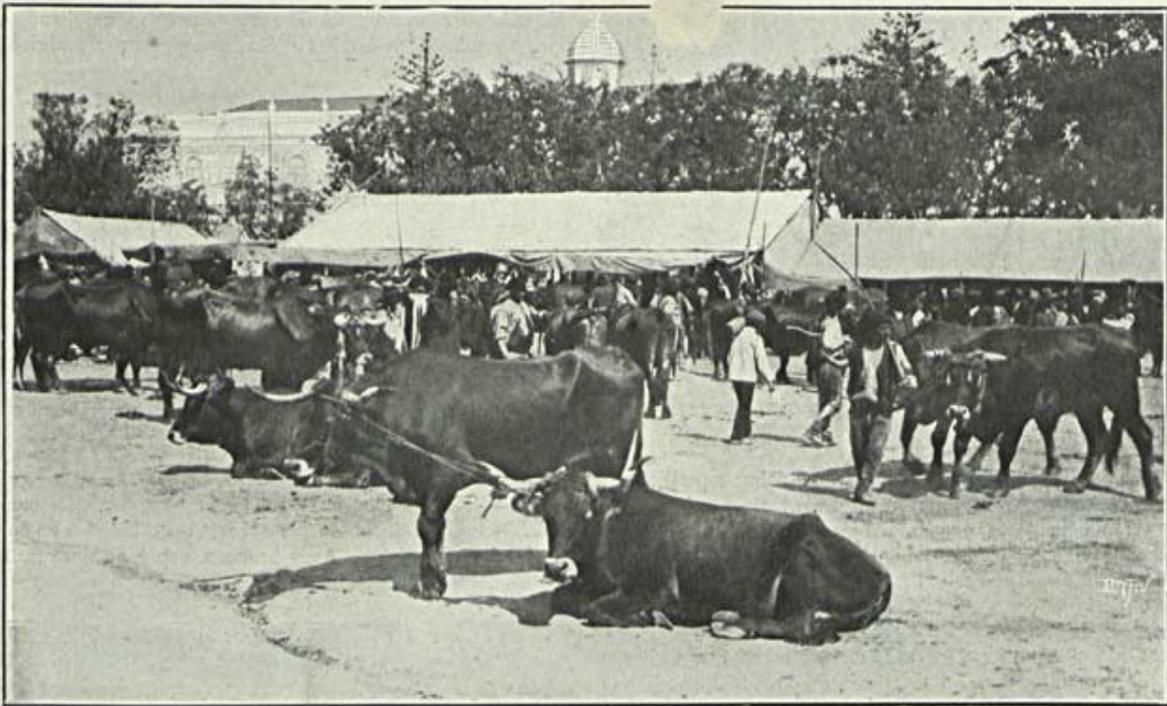
— Porque recusa a honra de casar-se com o Sr. White? E' meu amigo, e eu insisto em que você dê o seu consentimento.

A rapariga que não tinha jámais feito objecção alguma e ignorava do que se tratava, corou profundamente. Mas Cromwell obsecurou:

— Ah! já sei. Um pouco de coquetismo. Mande chamar o capellão.

Chegado o capellão, foi immediatamente ordenado o casamento do Sr. White com a criada de quarto. White foi obrigado a sub-

A FEIRA DA LUZ



Um aspecto

(Phot. de A. C. Lima)

quanto a natureza dorme sobre o manto alvo da neve, beijo os teus labios e gosas os meus beijos. Inverno! Como é bom este inverno! Inverno, alma do amor! Inverno, não partas nunca! Nunca, oh nunca!

E a pastora repetia tambem:

— Não partas! Não partas! Inverno, alma do amor, não partas!

LUIZ ROSA.

UMA ANECDOTA HISTORICA

Um protegido de Cromwell, apaixonou-se pela filha mais moça do notavel estadista. Ella igualmente lhe jurou affeição e ambos decidiram casar-se secretamente.

Alguem que descobriu o segredo, correu a communicar-o a Cromwell que deu ordens para vigiar a ambos e avisal-o da primeira occasião em que elles se achassem juntos. Effectivamente isso veiu a realisar-se no dia seguinte, e, Cromwell sabendo-o, subitamente entrou no quarto da filha, onde encontrou o protegido de joelhos a seus pés.

metter-se, para não se expór á colera do seu protector. Entretanto, Cromwell, para tornar a noiva mais attractiva deu-lhe um punhado de libras.

Trovas populares

Se eu pudesse abrir, mostrar-te
Os segredos do meu peito,
Tu verias quanto soffre
Meu amor por teu respeito.

Corre o rio entre as pedrinhas
Saltitando de alegria,
Eu não corro, eu vivo triste,
Sem socego todo o dia.

Quem me dera livre ser
Como os peixinhos do mar
Que descuidados de amores,
Correm, brincam, sem cessar.